

(DES)CONSTRUÍDO ARQUITETURAS: ÁLVARO SIZA E PEDRO CABRITA REIS EXPÕEM EM SERRAVES

(DES)BUILDING ARCHITECTURES: ÁLVARO SIZA AND PEDRO CABRITA REIS EXPOSE IN SERRAVES

Robson Xavier da Costa / UFPB/UFPE

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a relação arte/arquitetura contemporâneas a partir do estudo dos catálogos das mostras: “Da luz e do espaço”, Pedro Cabrita Reis, curadoria de Vicente Tódoli e João Fernandes, realizada em 1999; “Álvaro Siza: expor museus e espaços”, curadoria de Carlos Castanheira e João Fernandes, realizada em 2005, comparados com alguns escritos do arquiteto e do artista sobre a relação em questão. Considerando que o Museu de Serralves é obra do referido arquiteto e marco da arquitetura contemporânea portuguesa, buscamos perceber partir da análise dos catálogos das exposições qual foi a postura do arquiteto e do artista ao pensar seu trabalho para ocupar o espaço expositivo em Serralves e como a arquitetura do museu refletiu-se na montagem dessas exposições.

PALAVRAS-CHAVE

Museu de Serralves; Exposição; Álvaro Siza; Pedro Cabrita Reis.

ABSTRACT

This article aims to analyze the relationship between the contemporary art/architecture from the study of the catalogs shows: “The light and space”, Pedro Cabrita Reis, curated by Vicente Tódoli and João Fernandes, in 1999, “Álvaro Siza: museums and exhibit spaces”, curated by Carlos Castanheira and João Fernandes, held in 2005, compared to some writings of the architect and artist on this subject. Considering that the Serralves Museum is an work of this architect, and an architectural landmark of the Portuguese contemporary architecture, we seek starting from the analysis of the catalogs of exhibitions which was the attitude of the architect and artist when thinking his work, to occupy the exhibition space at Serralves and how the museum’s architecture reflected in the assembly of the exhibitions.

KEYWORDS

Serralves Museum; Exhibition; Álvaro Siza; Pedro Cabrita Reis.

Introdução

Os anos 1990 compreendem um momento de intensa expansão e crise do capitalismo, da consolidação da globalização, das mudanças ocasionadas pela implantação da internet e da espetacularização do cotidiano pela mídia global. Nesse contexto, à arquitetura, bem como à arte, encontram-se no centro do debate da chamada “Guerra de Culturas”, um dos elementos centrais para a emergência destas duas áreas de conhecimento, foi a criação dos grandes Museus de Arte Contemporânea. Com repercussão internacional, os museus de arte contemporânea são verdadeiros “centros de cultura”, incorporando, quase sempre, os elementos da fachada do galpão decorado, passando por estruturas de Shopping Centers (bares, cafés, restaurantes, lojas e livrarias), até, a sofisticação de complexas construções com materiais inovadores.

Nesse contexto, os museus projetados pelo português Álvaro Siza (1933 -), arquiteto agraciado pela qualidade arquitetônica das suas obras desde a década de 1960, consolidado com uma longa trajetória nas décadas seguintes, com projetos realizados em vários países, seu trabalho reacende a perspectiva política da arquitetura e abre caminhos para as novas gerações, em um Portugal que lentamente ressurgia, após um rígido regime ditatorial, que deixou marcas profundas nas cidades e na população. A sua premiação em 1992 com o Pritzker, deu destaque mundial a sua obra; à arquitetura de Siza também foi beneficiada pelos grandes eventos culturais que deram visibilidade a Portugal nesse período, tais como: “Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura”, “Expo 98”, “Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura”. Nesse contexto de renovação cultural da cidade do Porto, se insere o projeto do Museu de Arte Contemporânea da Fundação Serralves (1991-1999), segundo museu projetado por Siza, após o Projeto do Centro Galego de Arte Contemporânea – CGAC (1998-1993) – em Santiago de Compostela, seu primeiro projeto de museu construído.

Trabalhando com a questão da integração da arquitetura ao contexto local, a obra de Siza foi incluída por Kenneth Frampton como parte do chamado “Regionalismo Crítico”, devido a sua ligação com a arquitetura vernacular portuguesa, sua obra está profundamente inserida na relação local/global. Trabalhando com a relação do lugar com a implantação do lote, apoiada pelo programa; sua arquitetura, também

está relacionada com a diversidade de soluções e a adaptação para as necessidades do projeto. A obra de Siza vai muito além do “Regionalismo” inserindo-se em uma linguagem mais ampla.

A sua obra veicula uma visão mais subtil e complexa das instalações arquitetônicas como multitemporais. Embora a obra de Siza se enraíze em práticas e coisas, a força indiosocrática da sua arquitectura não pode ser simplesmente reduzida aos respectivos contextos. A obra arquitectónica, tal como um objecto ou um animal, é indissociável das suas relações com o território e resulta num mundo cada vez mais vasto e intenso (TESTA, 2005, p. 19).

O Museu de Arte Contemporânea da Fundação Serralves é uma grande construção com mais de 12 mil metros, uma obra situada em numa quinta ampla, ladeada pelo Parque de Serralves, rodeada por um jardim bem estruturado que antecede a construção do museu, onde se encontra construída uma belíssima casa em estilo Art Decó, transformada em Centro Cultural na década de 1980, primeira sede da Fundação de Serralves e hoje utilizada como local para eventos temporários.



Imagem 01 – Casa de Serralves/ Imagem 02 – Museu de Serralves - Fonte: www.serralves.pt

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves não se compreende sem a paisagem que o envolve e lhe dá sentido. Na verdade, o edifício integra uma vasta quinta, unificada e reestruturada nas décadas de 1920 e 1930, para servir de residência, no Porto, ao segundo Conde de Vizela. O conjunto vive, assim, não apenas da sua casa, desenhada em inspiração *decó*, mas também de alamedas, clareiras e *parterres*, implantados em diferentes tempos. (...) Adquirida pelo Estado, a quinta foi convertida em 1989, em sede da Fundação de Serralves – instituição destinada a criar um pólo museológico de arte contemporânea na cidade – prevendo-se, então, a construção, de raiz, de um novo edifício. Coube ao Álvaro Siza projectá-lo, estabelecendo um diálogo com a memória da casa e da paisagem preexistentes (GRANDE, 2009, p. 58).

A partir da primeira experiência com o CGAC em Santiago, Siza otimizou as funções espaciais do Museu de Serralves, mantendo uma estrutura expositiva flexível. O sucesso do Museu deve-se principalmente a disponibilidade da sua Direção e equipe de trabalho, que desde o início, mostraram-se abertas as experimentações, permitindo aos artistas um amplo leque de possibilidades, essa forma de gestão, garantiu visibilidade a este centro cultural no circuito da arte contemporânea internacional. Com um projeto que apresenta uma arquitetura de certo modo fragmentada, como afirma o próprio arquiteto, onde não há repetição de formas nas salas, cada uma delas é única e profundamente permeável a paisagem ao seu redor, a experimentação da relação interior-exterior, já presente em outras obras modernas e em obras anteriores do arquiteto, é intensamente valorizada. Segundo o João Fernandes:

O museu tem revelado uma flexibilidade notória nos seus espaços. Claro que muitas vezes tapa-se temporariamente uma janela aqui, constrói-se uma parede ali, adicionam-se salas as salas existentes. A escala e a proporção do Museu tudo têm permitido, com vantagens inequívocas para as condições necessárias de apresentação da obra de arte. As intermitências destas alterações jamais impossibilitaram o regresso do Museu ao seu traçado original, suscitando uma imprevisibilidade que surpreende o visitante e o convida a visitar um Museu em permanente transformação (...) (FERNANDES, 2005, p. 12).

Mesmo com toda flexibilidade, como qualquer outra instituição cultural, os limites físicos para a expografia existem, e efetivamente, tem que ser resolvidos ao longo do processo de montagem e adaptação de cada mostra. Por esse motivo, torna-se cada vez mais comum a presença e participação do artista, na organização de uma exposição no espaço do museu, artista e curador tem trabalhado em conjunto para minimizar o impacto da própria arquitetura e sua relação com as obras expostas.

Para tentar compreender essas questões nos debruçamos sobre os catálogos da Exposição de Álvaro Siza realizada entre Abril e Junho de 2005, seis anos após a inauguração do Museu e da Mostra do artista português Pedro Cabrita Reis (1956 -) realizada entre novembro de 1999 e janeiro de 2000, ou seja, logo após a inauguração do Museu ocorrida em junho de 1999. Neste caso, parecem-nos centrais duas questões: como o arquiteto resolveu a expografia da sua própria obra

em Serralves? E como os artistas reagem às limitações do espaço físico institucional ao expor suas obras nesse Museu?

1. Pedro Cabrita Reis e a Ar(te)quitetura do espaço museal

Pedro Cabrita Reis é um dos mais destacados e premiados artistas contemporâneos portugueses, formado em Pintura pela Escola Superior de Artes de Lisboa - ESALB, já expôs em diversos museus do mundo e participou de várias bienais internacionais, tornou-se internacionalmente conhecido desde a década de 1980. Trabalhando com materiais diversificados, como restos de construções, detritos urbanos, vidro, madeira, alumínio, tijolos, argamassa, material elétrico, etc. Esse artista construiu uma consistente obra que trata da questão do espaço e do tempo, passando pela pintura, objetos e instalações.

Com uma poética ligada ao efêmero e utilizando materiais elementares Cabrita Reis constrói uma arquitetura particular, simples, concisa, austera, utilizando as formas de construção populares urbanas, como é o caso dos casebres das favelas, construídos de lata e divisórias de papelão, restos de uma civilização em processo. O artista lida com o inusual, o inesperado na junção dos materiais, ao construir seu discurso, desconstrói o espaço, sua obra desterritorializa a construção, elabora novos territórios, questiona, se contrapõe, rompe com o estabelecido, abrindo fissuras no espaço, reorganizando, reconstruindo de forma rude e incisiva o seu entorno.

A sua exposição apresentada no Museu de Serralves em 1999, intitulada “Da luz e do espaço”, apresenta inicialmente um incisivo contraste entre a obra do artista e a arquitetura do museu, de forma brutal, os materiais e construções rudes do Pedro Cabrita Reis, parecem propor a desconstrução do espaço do museu, em confronto direto com a arquitetura limpa e forte do edifício. Estabelece-se então a dicotomia entre o contentor (o museu) e o conteúdo (a obra), ambos confrontados em uma constante tensão.



Imagem 05 – Catálogo Pedro Cabrita Reis/ Imagem 06 – Instalação na área externa do Museu de Serralves - Fonte: www.serralves.pt

A exposição organizada pela Fundação de Serralves e co-produzida pelo *Museum Moderner Kunst Stiftung Ludwig* de Viena e com o *Museum of Modern Art Oxford*, teve como curadores Vicente Tófoli e João Fernandes e foi realizada de forma paralela, como confirma o catálogo conjunto das duas mostras, publicado em três línguas, pela Fundação de Serralves. Esse catálogo documenta um importante momento da produção do artista, as obras expostas em Serralves são uma continuidade da sua pesquisa visual que parte da pintura para o espaço das instalações.

Segundo Pinharanda (1999), a primeira obra impactante da exposição foi colocada no corredor de acesso à entrada do Museu, intitulada *Cidades Cegas # 5/o eco* (1999) um longo muro de 15m de comprimento por 3m de altura, cria a primeira cisão entre Arte e Arquitetura¹.

Na sala principal do Museu o artista dispôs duas instalações relacionadas a arquitetura e duas pinturas, e no plano baixo a obra “*Des Le Villes # 2* (1998). A obra “*Atlas Clesis IV*” (1994) ficou um pouco mais a frente, que consiste em uma escada em semi-espiral em madeira de construção com elementos de vidro e roupas de operários penduradas. As pinturas monocromáticas também fizeram parte da mostra, com as obras “*Flor branca*” e “*Flor negra*”, as “*Doble pinturas # 2 e # 4*”, compreendendo pares de vidros circulares pintados em uma das faces. Ao longo do

COSTA, Robson Xavier da. (Des)construindo arquiteturas: Álvaro Siza e Pedro Cabrita Reis expõem em Serralves, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. *Anais do 26o Encontro da Anpap*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.231-244.

percurso foram expostas obras da série “Cidades cegas”, como “Janelas cegas”, formas arquitetônicas criadas com cartões, papelão, madeira, fitas adesivas e papéis de embrulho (PINHARANDA, 1999, s/p).

Ainda na categoria das pinturas, foi apresentado o políptico “H. Suíte VI (1992/1994)” que tem relação com a luz e a possibilidade da visão, e a série “Cegos” conjunto de autorretratos de caráter neoexpressionista, seguidos do “Echo der Welt I (1993)” trabalhos que compreendem conjuntos de elementos e materiais diversificados. Também foi exposta a obra “Cidades Cegas # 6 (Büro)” uma espécie de labirinto fechado. Finalizando a mostra com a peça “Cabinet D’amateur” série de pinturas monocromáticas em plexiglass e com a peça “Catedral # 3” construída especialmente para a exposição em Serralves, seguindo uma série já realizada pelo artista, que consiste na construção de fragmentos de paredes perpendiculares as paredes da sala (PINHARANDA, 1999, s/p).

A força da obra de Pedro Cabrita Reis se instaura na dimensão da contraposição com o espaço, construindo e desconstruindo arquiteturas, partindo do cotidiano para a poética da arte, criando espaços próprios que estabelecem o contraponto entre arte e arquitetura. Segundo Trouvé “O artista adota uma filosofia de “desconstrução”, com vista a reconstruir com o que já existe. (...) suas criações são feitas, na maior parte das vezes, no local” (TROUVÉ, 2005, s/p). O próprio artista afirma que sua obra está mais próxima da arquitetura e distante da cenografia.

A presença da obra do Pedro Cabrita Reis em Serralves em 1999, bem no início da atuação do Museu, apresentou como impacto, mínimo, a reação do contraste entre o bem acabado e o improvisado em arquitetura, entre a estética *clean* modernista e o feio nos destroços da construção; obra e arquitetura em todos os momentos se interpenetraram nessa mostra, que procurou desconstruir a arquitetura institucional por meio da criação de outro olhar sobre o objeto construído.

As instalações de Pedro Cabrita Reis em Serralves estabeleceram metáforas entre a grande obra construída, o Museu, e as construções em processo, presentes em grandes aglomerados populares urbanos, feitas de materiais diversificados, com aspecto tosco e inacabado. Essas obras remetem diretamente ao conceito do

“provisório”, de “efêmero” na arte em contraste direto com a arquitetura consolidada do museu.

Suas “Cidades Cegas” e “Janelas Cegas” estabelecem disparidades entre o cheio e o vazio, o aberto e o fechado, o dentro e o fora, aspectos caros a arquitetura de Siza em Serralves, um museu-paisagem, aberto ao diálogo interior-exterior, com amplas janelas bem colocadas, que permitem a visualização da integração do interior do prédio com o jardim do parque. Cabrita Reis insere a desordem na ordem modernista da arquitetura do Museu. Em alguns aspectos as instalações do artista rasgam a pele da arquitetura construída e deixam de fora o esqueleto, a estrutura, tijolos, argamassa, fios, estruturas metálicas e a rede elétrica, Cabrita desnuda a arquitetura, retirando o invólucro, a pele.

2. Arquiteturas *in situ*: Álvaro Siza expõe Projetos de Museus em Serralves

Em 2005, seis anos após a abertura do Museu de Serralves e a Exposição do artista Pedro Cabrita Reis, o arquiteto Álvaro Siza expõe seus projetos para Museus no seu próprio espaço, essa é uma situação particularmente interessante tanto para a Arquitetura como para a Arte, é o momento onde o criador se confronta com a criatura. Esse momento dual entre projetar o espaço e depois ocupá-lo como artista, permite ao arquiteto visitar sua obra e experienciar os dilemas vividos pelos artistas durante as montagens das exposições.

A exposição intitulada “Álvaro Siza – Expor Museus e Espaços”² (imagem 03 e 04), Sob a curadoria de Carlos Castanheira e João Fernandes, realizada em abril e junho de 2005, apresentou um panorama de uma década do conjunto dos trabalhos do arquiteto, mostrando esboços, desenhos técnicos, maquetes de processo, maquetes finais, maquetes virtuais, fotografia e vídeos, sobre 18 projetos de Museus dentre os quais 08 foram construídos até a data da exposição, dos quais destacamos o Centro Galego de Arte Contemporânea, em Santiago de Compostela; o Museu da Fundação Serralves, no Porto; os Pavilhões de Portugal para Lisboa e Hannover; a Sala para a Pietá Rondanini, Milão; a Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil; a ampliação do Stedelijk em

COSTA, Robson Xavier da. (Des)construindo arquiteturas: Álvaro Siza e Pedro Cabrita Reis expõem em Serralves, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. *Anais do 26o Encontro da Anpap*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.231-244.

Amsterdã, entre outros projetos construídos ou não para galerias, museus e centros culturais.

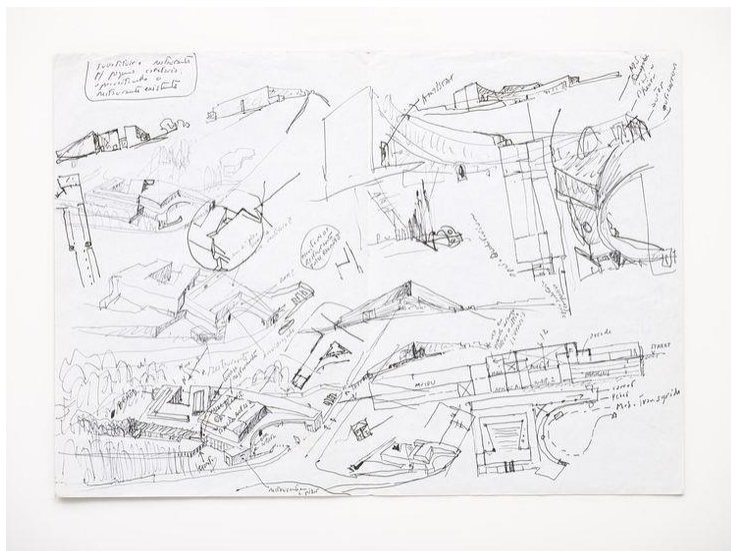


Imagem 03 – Catálogo Expor = On display – Fundação de Serralves/ Imagem 04 – Álvaro Siza – Esboço – exposto em Serralves - Fonte: www.serralves.pt

No catálogo da exposição “Álvaro Siza – *Expor = on Display*”, organizado por Maria Ramos (2005), o arquiteto descreve em várias passagens como ele vê a relação entre a arte e a arquitetura em museus. A primeira questão que gostaríamos de destacar é a relação com o projeto de museus, para Siza:

Desenhar espaços para a exposição de arte contemporânea implica construir intencionalmente espaços abertos a diferentes actividades, em particular exposições temporárias. Porém, isto não quer dizer que a autonomia da arquitectura deva ser comprometida. (SIZA *apud* RAMOS, 2005, p. 371).

Para o arquiteto, o fato de o edifício ter planos livres e flexíveis não deve comprometer o caráter da obra edilícia, todo museu deve ter seu formato peculiar e garantir uma boa arquitetura, desde que garanta a sua função. Não se trata apenas da construção de um armazém, de uma caixa vazia, mas de um edifício com corpo e alma, que permita certa flexibilidade, mas com autonomia.

É a combinação de uma grande clareza de uma relativa indefinição da utilização dos espaços que, em minha opinião, deixa aberta a descoberta da totalidade do museu. Um conservador disse-me um dia que o importante num museu é que tenha um caráter, respeitando ao

mesmo tempo aquilo que está exposto. Num museu de arte contemporânea, os artistas não devem encontrar um vazio; é, ao contrário, a existência de um espaço caracterizado que permite desenvolver uma resposta estética nova, inovadora (SIZA *apud* RAMOS, 2005, p. 371).

Na perspectiva da construção de um espaço com caráter, Siza concebe o Projeto do Museu de Serralves como um espaço integrado ao parque e com uma relação mais sutil em relação à casa, possibilitando que ambos funcionem dissociados, embora como partes de um mesmo todo. Seu desenho coaduna com suas ideias para a elaboração de um espaço artístico contemporâneo, onde a flexibilidade das montagens é um item essencial para o seu funcionamento adequado. Segundo afirma Siza, a obra depois de criada ganha dimensões que ultrapassam o domínio do arquiteto ou do artista.

(...) o que fiz foram sobretudo museus de arte contemporânea. [...] O que reparo é que tendencialmente todos esses museus são antes de mais edifícios para exposições temporárias [...] Sempre desenho espaços como soluções precisas para um objectivo específico. [...] Mas, ao desenhar um museu, não vou tão longe a ponto de conceber espaços tendo em mente estas ou aquelas ideias sobre arte contemporânea. [...] tento criar espaços abertos a tudo. Não creio que seja possível ou responsável um arquitecto controlar o conteúdo de um edifício público. O que procuro é um espaço que possa criar um balanço com todas as manifestações artísticas ou sociais em que se possa pensar (SIZA *apud* RAMOS, 2005, p. 372-373).

No entanto, essa compreensão aberta, flexível e ampla citada pelo arquiteto parece estar limitada em alguns casos, já que o mesmo coloca a seguinte questão ao referir-se a flexibilidade da estrutura quanto ao CGAC em Santiago:

(...) até as fachadas foram suporte de instalações e, do meu ponto de vista, tratou-se de operações abusivas que reflectem um mentalidade que dissocia a arquitectura das outras artes e da vida da cidade (SIZA *apud* RAMOS, 2005, p. 376).

O fato, é que, em se tratando de um Museu como Serralves todo o direcionamento e abertura necessários a uma interação a contento com a experimentação da arte contemporânea depende de inúmeras variáveis, tais como: o posicionamento da direção do Museu e do Conselho Diretor; a possibilidade de mobilizar recursos que favoreçam a construção ou reparo da estrutura do Museu em caso de danificação da estrutura física após ou durante a montagem de alguma obra; a possibilidade de permitir que o artista participe da montagem e desmontagem das suas obras no espaço expositivo; a documentação e publicação das várias maneiras de utilização

do espaço de exposições; a presença eficaz da ação educativa do Museu garantindo a participação efetiva do público, a divulgação apropriada do seu patrimônio e uma boa relação com a comunidade local, para que a mesma passe a apreciar o Museu como patrimônio coletivo.

Ao avaliar a sua exposição em Serralves a partir do questionamento feito pelos Curadores João Fernandes e Carlos Castanheira, Siza coloca sua maneira de pensar sobre a exposição de arquitetura. Inicialmente aponta que nesse tipo de exposição há sempre um público especializado em arquitetura e que busca imagens técnicas específicas, e um público leigo onde só as maquetes podem fomentar as informações visuais necessárias, além de considerar importante mostrar a explicitação do processo da construção dos projetos em forma de esboços, desenhos preliminares, afirma que se deve apresentar sempre uma parte informativa, ou optar pela metanarrativa das instalações como forma interativa para exposição das obras.

(...) tudo o que seja plantas, alçados e cortes deve existir a título meramente informativo, para satisfazer, sobretudo arquitetos e estudantes. Mas, para o público em geral, nenhum desses suportes é legível, temos de utilizar maquetas. É interessante qualquer pessoa perceber um pouco o que é o processo de projectar, através dos estudos preparatórios, dos esquissos, de desenhos de fase intermédia (...) Haverá, portanto, uma parte informativa que não pode ser o essencial da exposição, porque o essencial será criar uma atmosfera que conduza à experiência da arquitectura, neste caso garantida pelo próprio museu, pelo próprio sítio da exposição. (...) Há instalações, que não partem da reprodução ou da apresentação de projectos mas sim de atitudes perante a arquitectura. (...) Agora por na parede plantas e alçados, isso é uma chatice (SIZA, 2005, p. 369).

Para o arquiteto, expor em um museu de sua autoria permitiu experimentar a funcionalidade de sua própria obra. Evidente, que o que se colocava enquanto postura numa prática como esta, é mais a questão da adequação entre conteúdo e conteúdo, do que qualquer tipo de contraposição entre objeto exposto e o espaço expositivo. Segundo o próprio Siza, ele desejava: “(...) mostrar o modo como gostaria que estivessem iluminadas as salas, assim como também comprovar a maleabilidade e a flexibilidade que têm os espaços do museu. (...) O objectivo é esse também, a utilização do espaço (SIZA, 2005, p. 369).

3. Em Serralves: Siza e Cabrita Reis, outras arquiteturas

Analisando as duas exposições individuais realizadas no Museu de Serralves; “Da luz e do espaço” de Pedro Cabrita Reis, em 1999 e “Álvaro Siza – Expor Museus e Espaços”, em 2005, com a distância de seis anos entre elas, podemos inferir algumas questões pertinentes a ambas as mostras, levando em conta a especificidade de cada uma delas, uma exposição de arte contemporânea e outra exposição de arquitetura.

No caso do Cabrita Reis, a sua mostra embora apresentasse um panorama de sua obra anterior, tal qual a do Siza, apresentava, porém, um elemento notório de contestação, um confronto entre a arquitetura vulgar e mal acabada, ligada a formas de construção geralmente desvalorizadas como o caso das casas de papelão e lata das favelas, com a bem feita e bem acabada arquitetura institucionalizada do Museu, sua contundente obra em Serralves coloca em choque a relação arte e arquitetura.

No contexto das *assemblages* quase arquitectônicas dos últimos anos, os objetos materiais evocam de forma cada vez mais forte conotações sociológicas e antropológicas. O palco das actividades possíveis povoa-se de vida através da participação imaginária do observador, enquanto a alusão aos expatriados abre níveis de interpretação antropológica e sociológico-cultural. As cidades cegas tornam-se locais de exposição da eterna atividade humana, dos eternos relatos de competência e poder, de riqueza e pobreza, de medo e contentamento, de pátria e ausência de pátria (...) (HEGYI, 1999, p. 24).

A força da narrativa de sua obra coloca simbolicamente em suspenso a questão da função do Museu para a arte contemporânea, sua habitabilidade passa a estar associada à possibilidade de um diálogo entre Arte e Arquitetura, apesar de todas as rugas que essa relação apresenta, é dentro da caixa arquitetônica institucional que a contestação emerge como uma ferida aberta. Esse difícil diálogo que chama para o centro do debate os limites e modificações de ambas as áreas, se contrapõe a aparente passividade política da exposição individual do Siza em Serralves.

Em se tratando da Exposição do Álvaro Siza, uma individual de arquitetura, o que percebemos é que o arquiteto procurou aproveitar a oportunidade ao organizar sua

exposição, para testar seu projeto de museu quanto à espacialidade e funcionalidade expositiva. Nenhum cunho de contestação, nem de questionamento quanto à adequação da obra exposta e à arquitetura foi colocado. Seguindo sua opinião diante das formas de exposição da arte contemporânea, ele coloca que: “um objecto não pode ser o protagonista absoluto, a não ser em casos excepcionais. Tem de exprimir então uma grande contenção, ou uma disponibilidade para qualquer relação” (SIZA, 2005, p. 135).

Portanto a atitude do arquiteto está ligada a uma compreensão de que a exposição de sua obra de museus e centros culturais fosse condicionada de maneira harmônica com o espaço do Museu, garantindo a visibilidade e alcance para públicos diversos, apresentando sua obra com um caráter muito mais didático do que artístico. O que aconteceu foi uma mostra de arquitetura no sentido mais “tradicional”, onde o próprio edifício era uma das principais obras em exposição.

Procurar compreender a correlação entre o Museu de Serralves e as duas exposições citadas relaciona-se com o diálogo entre Arte e Arquitetura em Museus de Arte Contemporânea, questão que está no centro do debate teórico sobre Arte Contemporânea, mas do que em qualquer outro momento da história da arte, esta questão emerge como meio de investigação permanente para inúmeros artistas e teóricos que abordam as poéticas arquitetônicas na arte contemporânea.

Notas

¹ Para visualizar imagens da exposição deve-se consultar o catálogo disponível na Biblioteca da Fundação de Serralves.

² Para visualizar imagens da exposição deve-se consultar o catálogo disponível na Biblioteca da Fundação de Serralves.

Referências Bibliográficas

Fernandes, João (Cord.). 2005. Álvaro Siza: o regresso do arquitecto ao museu. In: Álvaro Siza expor = On display. Catálogo da exposição. Porto - Portugal: Fundação de Serralves, 2005.

Grande, Nuno (Ed.). Museomania – museus de hoje, modelos de ontem. Coleção de arte contemporânea público Serralves, Volume 12. Porto - Portugal: Fundação Serralves, 2009.

Hegyí, Lóránd. Texto publicado no catálogo da exposição de Pedro Cabrita Reis. In: da luz e do espaço - Catálogo da Exposição. Porto - Portugal: Fundação de Serralves, 1999.

PINHATANDA, João. 1999. As minhas peças são monólogos – Exposição antológica de Pedro Cabrita Reis em Serralves. In: Público On Line. Disponível em: <http://www.restaurantefidalgo.com/porto/pedroporto4.htm>. Acesso em: 11 de janeiro de 2012.

Ramos Maria (Coord.). Álvaro Siza expor = On display - catálogo da exposição. Porto - Portugal: Fundação de Serralves, 2005.

SIZA, Álvaro. Entrevista concedida à Maria Ramos. In: Ramos, Maria (Coord.). Álvaro Siza expor = On display - catálogo da exposição. Porto - Portugal: Fundação de Serralves, 2005.

TESTA, Peter. Uma arte maiêutica: os museus de Álvaro Siza. In: RAMOS, Maria (Coord.). Álvaro Siza expor = On display - catálogo da exposição. Porto - Portugal: Fundação de Serralves, 2005.

TÓDOLI, Vicente e FERNANDES, João (Coord. e Ed.). Da luz e do espaço - Catálogo da Exposição de Pedro Cabrita Reis. Porto: Fundação de Serralves, 1999.

TROUVÉ, Tatiana. 2005. France Culture. Trad. Fernanda Valente. Disponível em: <http://dasartesplasticas.blogspot.pt/2008/02/pedro-cabrita-reis-lisboa-portugal-arte.html>.

Acesso em: 15 de Janeiro de 2012.

Dr. Robson Xavier da Costa

Coordenador do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Professor/Pesquisador do Departamento de Artes Visuais da UFPB. Dr. em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFRN); Mestre em História (PPGH UFPB); Graduado em Artes Plásticas (UFPB). Artista/Educador/Curador, autor de artigos em periódicos nacionais e internacionais e livros sobre artes visuais. Membro do CEAV da ANPAP.